

ENTRE PÉTALAS E ESPINHOS: DONA ROSA E O REISADO DO BOM JARDIM

José Carvalho ¹

Josineide de Jesus Oliveira ²

Kátia Simone Santos Paixão ³

Perla Passos Carvalho ⁴

Magno Francisco de Jesus Santos ⁵

História



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O Reisado é uma manifestação cultural, normalmente apresentado no Nordeste brasileiro nas celebrações de Natal e nas festividades de Santos Reis. Trazido pelos portugueses para o Brasil, é uma dança do período natalino em comemoração ao nascimento do Menino Jesus e em homenagem aos Reis Magos. Em Itabaiana/SE, o Reisado de Dona Rosa do Bom Jardim é o último grupo existente no lugar, fundado em 1991 pela senhora Rosa Maria, conta atualmente com 15 componentes do sexo feminino e masculino, sua apresentação é feita nas ruas com as cores vermelha e azul, apresenta-se a disputa dos dois lados e o ponto culminante é a chegada à Capela Sagrado Coração de Maria. Dona Rosa, mulher humilde, fundadora e também líder do grupo "Dona Deusa", com muitas dificuldades confeccionou as roupas e os bichos O Boi e O Jaraguá, os quais guarda com imenso zelo, mesmo diante de todas as barreiras encontradas luta até hoje pela existência, divulgação e transmissão desse folguedo sem apoio ou reconhecimento algum.

PALAVRAS-CHAVE

Folclore. Reisado. Natal. Tradição. Itabaiana.

ABSTRACT

The Epiphany is a cultural event, usually presented in the Brazilian Northeast in the Christmas celebrations and festivities of Santos Reis. Brought by the Portuguese for Brazil, is a dance of the Christmas season to celebrate the birth of Jesus and in honor of the three kings. In Itabaiana / SE, the Epiphany of Dona Rosa do Bom Jardim is the last existing group in place, founded in 1991 by Mrs. Rosa Maria, currently has 15 components of the female and male, presentation is made on the streets with the colors red and blue, shows the dispute on both sides and the highlight is the arrival in the Chapel Sacred Heart of Mary. Dona Rosa, founder humble woman and also leader of the group "Dona Deusa" with many difficulties fashioned clothes and animals Ox and The Jaragua the guard with great zeal, even before all the barriers faced fight to date for existence, dissemination and transmission of merriment without support or recognition at all.

KEYWORDS

Folklore. Epiphany. Christmas. Tradition. Itabaiana.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo contempla uma pesquisa desenvolvida, que tem o reisado itabaianense como elemento de análise. Em Itabaiana, essa manifestação cultural foi criada em 1991. Trata-se de uma manifestação cultural que retrata a identidade social de um povo. Com este estudo obteve-se o conhecimento e registro da luta de uma mulher da melhor idade pela preservação, continuidade e divulgação da cultura popular de Itabaiana, por meio de seu grupo o Reisado de Dona Rosa do Bom Jardim.

O folclore nordestino, em particular sergipano é rico e diverso. Muitos grupos já extintos em outras localidades do Brasil, ainda, atuam de forma viva e alegre. No entanto a massificação da cultura está deixando pouco espaço para as manifestações populares. Esta situação promovida pelos meios de comunicação de massa (sistema, veículo de comunicação produtivo que visa gerar e consumir ideias para diversos objetivos e públicos. A divulgação em grande escala de mensagens, a rapidez com que elas são absorvidas, a amplitude que atingem todo tipo de público, cuja própria sociedade por meios da Indústria Cultural criou e se alimenta), está deixando Sergipe cada vez mais distante da sua cultura popular, exatamente pelo fato de que esta cultura do povo geralmente não "vende", não rende lucros comerciais como na indústria cultural (é o nome dado a empresas e instituições que trabalham com a produção de projetos, canais, jornais, rádios, revistas e outras formas de descontração, baseadas na cultura, visando o lucro. Sua origem se deu por meio da sociedade capitalista que transformou a cultura num produto comercializado).

Para constatar este fato, é só observar o descaso do poder público em registrar a memória dos grupos e auxiliar e estimular a manutenção das manifestações folclóricas. Muitos foram extintos. Não há incentivo para a preservação dos que restaram, estes sobrevivem graças à abnegação de seus mestres que passam para seus descendentes a tradição da brincadeira.

Porém, há fatos que merecem ser discutidos como, a extinção dos grupos tradicionais com a morte dos mestres, a falta de incentivo por parte dos dirigentes políticos e a falta de conhecimento por parte de nossas crianças e adolescente do que representam esses grupos para a cultura do nosso povo. Por tudo o que temos observado é necessário o conhecimento sobre o que leva pessoas humildes a se sacrificarem a fim de manter um trabalho cultural em meio a uma sociedade preconceituosa e a um governo indiferente à cultura, ressaltando a representatividade dessa líder para o grupo.

Para Cascudo (1954) folclore é a cultura popular produzida e organizada, obedecendo a tradição. Este faz parte da cultura popular; é um modo e uma parte dela. No século XIX, partindo do próprio vocábulo folk=povo; lore=saber, foi elaborado o conceito de folclore por William John Thoms. Essa é a pista seguida por Saintyves na definição que apresentou mais e que logo se tornou clássica, principalmente entre os folcloristas latinos: "o folclore é a ciência da cultura tradicional nos meios populares dos países civilizados". Os meios populares seriam os menos favorecidos, a classe baixa, o povo, os grupos atrasados, que não tendo cultura viviam em função do passado, do já realizado. Dessa forma o folclore seria a "cultura do inculto". Vê-se o preconceito desses autores, porém o povo num país civilizado daria origem a um novo tipo de conhecimento o "saber popular". (FERNANDES, 1973, p. 40).

Então podemos dizer que a sociedade na sua diversidade em que poderia se distinguir o "povo", vivendo do já realizado e outro grupo quase homogêneo a "elite", burgueses "novos ricos" integrados na escrita moderna: "os cultos". Por isso não existe folclore burguês, porque usar os valores do ultrapassado seria revelar que ainda permanecem povo. Contudo, o fato de serem os elementos folclóricos considerados isoladamente fez com que, até o presente, persistisse essa tendência de atribuir uma distinção fundamental entre o "povo" e as outras camadas da sociedade, quando de fato existe apenas uma distinção de grau. Portanto, a situação social dos indivíduos determina as condições gerais de seu modo de vida, permitindo e fazendo-o participar de certa maneira do patrimônio cultural de seu grupo.

Rodrigues Brandão (1982, p. 23-24) refere-se há vários conceitos sobre o folclore e ressalta que na cabeça de muitas pessoas o folclore não existe e por isso é melhor chamá-lo de cultura popular. Destaca, também que, para uns o domínio do folclore é tão grande quanto o de cultura popular e que para muitos é tudo que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Ressalta, ainda, que com muita sabedoria Luís Câmara Cascudo mistura uma coisa com a outra e define folclore como "a cultura do popular tornada normativa pela tradição".

Já no Brasil, a maneira de compreender o folclore é um tanto polêmica: de um lado estende o folclore à cultura primitiva, aos mitos, lendas e cantos; por outro lado, como uma disciplina diferenciada de uma ciência, a Antropologia e não como ciência autônoma. Podemos compreender o folclore como todos os elementos culturais que constituem soluções usuais e costumeiramente admitidas e esperadas dos membros de uma sociedade, transmitidas de geração a geração por meios informais.

Segundo Antônio Augusto Arantes (1981, p. 14) a cultura popular tem diversos conceitos e é discriminada pelos intelectuais. Segundo o autor há ainda uma visão deturpada sobre “popular” que trata o “fazer” separado do “saber”, ou seja, “a cultura popular como característica das camadas mais pobres da população”.

Alceu Maynard Araújo (1967, p. 297-298) ressalta que os participantes populares têm neles a oportunidade para aparecer, para serem notados pelos demais membros da comunidade; desta forma, considerando como autores já citados uma legitimação social embora em regiões tão distantes dão-nos a ideia de unidade, ou seja, *substratum luso* que vive em nossas tradições.

2 CANTANDO AS JANEIRAS: AS FESTAS DO CICLO NATALINO

O folclorista Théo Brandão (1973, p. 14) descreve em detalhes a chegada das festas natalinas em Alagoas, no século XIX, vindas da Península Ibérica, com formas portuguesas, por meio dos senhores das Casas Grandes, Padres-capelães e outros. Relata todo o cotidiano da sociedade nessas festas desde a localização, estrutura urbana, a decoração fosse da zona urbana a zona rural. Ressalta o preconceito existente na época para os fazedores de folclore “o povo”, já que para elite “novos ricos” a burguesia não era fazedora de folclore, porque se o fizesse estaria admitindo ser inculta. Retrata a importância do negro nesses autos, como os autos vieram da Europa e se processaram quando aqui chegaram. Além de tudo ele conta em detalhes as festas natalinas enaltecendo os Reisados: “O Natal, antes de ser uma festa cristã, foi uma solenidade pagã, ariana; mesmo a festa do solstício do inverno na Europa Ocidental, a Festa de Osíris ou de Mitra, no Oriente Próximo”.

Enquanto a festa de Natal naquelas se realizava a 25 de dezembro, porque nessa data se comemorava a Festa do Sol, no Oriente o acontecimento era celebrado a 6 de janeiro, data do nascimento de Osíris, dia da data do nascimento do Deus Menino Egípcio. O próprio Santo Agostinho confessava tal reinterpretação ao responder aos maniqueus que censuravam os cristãos por celebrarem festas pagãs: “Nós solenizamos este dia, não como os infieis, por causa do Sol, mas por causa daquele que fez o Sol”; o que explica, demais, as inúmeras sobrevivências nitidamente pagãs e profanas que se encontraram a cada passo em nossas festividades do Natal (BRANDÃO, 1973, p. 15).

Segundo Diegues Júnior (1973), a sua história é a história da cana-de-açúcar, os folguedos natalinos, as danças, os autos, saíram de engenhos ou se iniciaram nos

engenhos, mesmo quando se orientavam por tradições oriundas da península, ou, sobretudo, quando constituídos por autos e diversões de origem lusitana, contudo a verdade é que foram os senhores de engenho de origem ou ascendência portuguesa, bem como os Padres-capelões das Casas Grandes ou das ordens catequistas que primeiro trabalharam no Brasil: jesuítas, franciscanos, beneditinos, que implantavam servindo-se do escravo africano, do índio domesticado e possivelmente do elemento luso mais humilde, as tradições lusitanas das festas profanas, companheiras das cerimônias religiosas mais ortodoxamente católicas.

Na zona rural tais comemorações tomavam um extraordinário incremento, serviam de iluminação para o largo da Matriz, “o quadro” da feira ou a rua principal, os gomos de bambus cheios de óleo de mamona, os cacos de coco, torcidas de algodão espetado em estacas esparsas no recanto das “festas”, as lâmpadas de carboreto (autiline), os “alcoviteiros” de querosene. Enfeitavam-se os postes com bandeirolas de papel colorido, folas de palmeiras, ramos de bambus, galhos de pitangueiras e em torno ou em frente à Igreja alinhavam-se as barracas de prendas, os jogos de “caipira”, ou de “bozó” (dados), as comidas regionais e quando aparecia um “cavalinho” (pequeno carrossel de tração humana). Em frente à matriz fincavam as girândolas para os foguetes que subiam aos ares à meia noite de 24 de dezembro, anunciando o nascimento de Jesus a 1º de janeiro, assinalando a entrada do ano ou a 6 de janeiro, ao enterrar-se a “cabeça do boi”.

Então os trabalhadores rurais, em certa época ainda escravos, de casa em casa noite após noite, pedir, cantar e dançar “Reis” com seus grupos que depois se chamariam os Reisados. À tarde no largo da “festa”, cavaleiros adestrados vinha correr as Cavalhadas de argolinhas, e os pescadores e canoieiros, à noite, ensaiavam suas danças náuticas – o Fandango e a Chegança. (BRANDÃO, 1973, p. 20-21).

Os autos e folguedos independentes da origem peninsular, por meio de formas portuguesas, tomaram aqui uma feição particular e deram de outra parte, motivo para a criação, sob influências dos negros da terra ou d`África, de novas formas, diversas nuances e de novos autos e diversões.

Os reisados que derivam dos grupos Janeireiros e Reiseiros portugueses no século XIX, se caracterizam pelo petitório de Reis, portanto são reisados de modo genérico todos os grupos organizados, que do Natal a Reis, saem de porta em porta, de casa em casa, de lugarejo em lugarejo, a realizar petitório representam a farsa ou “entremeios” do Boi! No entanto, as partes declamadas conhecidas sob o nome de “Embaixadas” ou “Chamadas de Rei”, peças e “embaixadas”, vindos do Auto dos Congos; do mesmo autoprovinha o episódio da Guerra, equiparável às diversas danças de espadas encontradas em inúmeras danças rituais e processionais europeias (BRANDÃO, 1973, p. 34).

Coreograficamente os autos se apresentavam numa enorme variedade de passos, alguns individualizados ou batizados tradicionalmente como o passo do gingá, o corrupio, o encruzado, os diversos sapateados (tropel rebatido, cavalo manco etc.) e as vestimentas era coloridas extremamente atraentes.

3 O REINO DO BOI: REISADOS NO BRASIL

O Reisado chegou ao Brasil por meio dos colonizadores portugueses e sofreu mudanças com a participação dos negros. Contudo o reisado é um espetáculo popular das festas de Natal e Reis, cuja ribalta é a praça pública e a rua. É uma dança do período natalino em comemoração ao nascimento do Menino Jesus e em homenagem aos Reis Magos Gaspar, Melchior e Baltazar, que levaram ouro, incenso e mira, que representam as três dimensões de Cristo (realeza, divindade e humanidade).

Folia de reis, ou reisado, ou ainda temo-de-reis, constitui um dos mais originais folguedos folclóricos. É uma folia conhecida em todo o país, a denominação de Reisado permanece em Alagoas, Sergipe e Bahia; em diversas outras regiões o folguedo é chamado de Bumba-meu-boi, Boi de Reis, Boi Bumbá ou simplesmente, Boi. É formado por um grupo de músicos, cantores e dançarinos todos com roupas coloridas que percorrem as ruas das cidades e até propriedades rurais, de porta em porta, anunciando, entoando a chegada do Messias, pedindo prendas e fazendo louvações aos donos das casas por onde passam.

Uma orquestra de violas, banjos, violões, zabumba, triângulo, pandeiros, maracás e sanfonas pulsam na regularidade de um organismo. Seus acordes servem de orientação às vozes e ordenam a evolução do espetáculo. O tempo da toada é circular, um convite ao desprendimento mundano e a busca de uma aliança com o divino. A paleta acorda o cavaquinho para ressoar um som que deve agradar o ouvido dos santos. A história narrada por intermédio de cantos (Figura1) que são entoados por um solista e um coro responde a ele uníssono por repetidas vezes.

Figura 1 – Apresentação do grupo em Itabaiana



Foto: Perla Passos, 2007.

Os trajes são coloridos e enfeitados, o do Rei deve ser mais bonito, veste-se de saíote ou calção, blusa de mangas compridas de cores iguais, manto colorido de tecido brilhante, calça tênis (conga), meióes de cores fortes e coloridas e na cabeça uma coroa feita nos moldes das dos reis ocidentais, semelhante a das outras figuras, porém encimada por uma cruz, levam às mãos uma espada, e às vezes, também, um cetro. O mestre regente do espetáculo utiliza apitos, gestos e ordens para comandar a brincadeira.

O contramestre é o responsável na ausência do mestre, seu traje é semelhante, porém mais simples. O Mateus usa traje diferente dos outros, veste paletós e calças de tecido xadrez, tem o rosto pintado de preto e pandeiro nas mãos. A Catirina é a noiva do Mateus, veste-se de preto, tecido amarrado na cabeça, o rosto pintado de preto e um chicote nas mãos. A Rainha é representada por uma menina, com vestido de festa, branco ou rosa, uma coroa na cabeça e um ramalhete de flores nas mãos. Durante o cortejo os Reis vêm na frente, logo atrás do Mestre e do Contramestre.

4 REISADO EM ITABAIANA

Itabaiana, localizada na região agreste do estado de Sergipe, tem se destacado pelo turismo, o comércio local, as belezas da sua serra e o parque dos falcões, que atrai várias pessoas todos os anos.

Os grupos folclóricos da região hoje se limitam a dois a chegança e o reisado; diante de tantas dificuldades enfrentadas os movimentos foram extintos e estes estão, também, comprometidos à extinção. O Reisado é composto de 4 a 6 mascarados que dão vida, hilaridade e rebuliço à brincadeira. Eles, também, devem proteger o Menino Jesus e confundir os soldados de Herodes. Acrobatas e declamadores representam os soldados perseguidores do Menino. As embaixadas e as lutas com as espadas representam à luta dos cristãos contras os infiéis (mourous). Com as pedinchas é incessante a rivalidade entre os dois grupos o lado azul e disputam o maior valor arrecadado com as mesmas.

O roteiro, quase sempre, segue a mesma sequência de músicas: abrição de porta, marcha de entrada, louvação aos donos da casa, louvação ao Menino Jesus, parte das figuras, entremeios (falas do Caboclo e da Dona do Baile), cantigas de amor, chula (só dança), entrada do Boi e retirada (Figura 2).

Figura 2 – Dona Rosa e o reisado do Bom Jardim. Apresentação em Itabaiana



Foto: Perla Passos, 2007.

O reisado tem como personagens principais a Dona do Baile, o Mestre, o Rei e a Rainha, o Contramestre, o Mateus, a Catirina, figuras e moleques e ainda: Mestre-sala, Alferes, a Burrinha, o Boi, o Jaraguá, a Arara, Borboleta, o Caipora, a Ema etc.; batizados pela Dona do Baile.

A Dona Deusa é a regente do espetáculo. Utilizando apitos, gestos e ordens, comanda a entrada e saída de personagens e o andamento das execuções musicais. Usa chapéu com parte forrada de cetim e laços de tecido, decorado com fitas e brilho. Não usa espelho em sua veste, as fitas são coloridas e presas em seu vestido composto da cor azul e vermelha (Figura 3).

Figura 3 – Dona Rosa apresentando-se como Dona Deusa, em Itabaiana



Foto: Perla Passo, 2007.

O Mateus, que sempre aparece em dupla com a Dona do Baile, usa traje diferente dos outros figurantes: veste um conjunto em estilo marinheiro na cor vermelha e branca, calça sapato tênis (conga preto), na cabeça uma coroa e o rosto pintado nas cores azul, vermelho e branco (Figuras 4 e 5).

Figuras 4 e 5 – Mateus do Reisado e Jaraguá do Bom Jardim



Foto: Perla Passos, 2007

O Jaraguá, peça que causa rebuliço, confeccionado pela Senhora Rosa, conta com uma matraca e tecido colorido no corpo que com seu barulho assusta a todos. Comandado pela dona do Baile que o manda embora e ordena que pare de assustar as crianças.

O Anastácio outro personagem que entra em um só momento da apresentação de rosto pintado de preto, veste um paletó, e traz nas mãos uma vassoura e em momento algum levanta o rosto, esse representa o homem que virou o mundo e voltou sem nada para seu lugar. Esse personagem tem em comum algumas características com o Mateus de outros reisados, na veste e no rosto pintado.

O Boi é um elemento de destaque no grupo. Quando este personagem entra, é o momento da dramaticidade do folguedo. Depois dos diálogos, o boi é morto para tristeza de Dona Deusa. O grande momento da tragédia do boi é a "partilha" onde os amigos levam as melhores partes e os inimigos o resto. Mas o Boi acaba sendo ressuscitado para alegria de todos (Figuras 6 e 7).

Figuras 6 e 7 – Anastácio e Boi do Reisado do Bom Jardim



Foto: Perla Passos, 2007.

Todos acompanham uma bandeira, estandarte da folia, um quadrado de madeira com a Adoração dos Magos, ornamentada com flores e espelhos, carregada pelos Alferes e pela Dona do Baile. O Reisado de Itabaiana, fundado em janeiro de 1991 pela senhora Rosa Maria, conhecida por "Dona Rosa", o qual obteve conhecimento da arte na infância e incentivada a restaurá-lo em janeiro, pelo presidente da Associação Comunitária do Povoado Bom Jardim, a montar o Reisado do Povoado Bom Jardim. Esta se dedicou a aprender tudo o que se referia ao Reisado e com muita perseverança o apresenta até os dias atuais.

5 DANÇAS NO BOM JARDIM

O Reisado de Dona Rosa do Bom Jardim, liderado pela Sra. Maria Rosa de Santana, conta atualmente com 15 componentes, treze do sexo feminino e dois representando o Caboclo e Anastácio, indo à faixa etária dos 12 anos aos 81 anos de idade. Esses e a Dona do Baile, durante a apresentação, interpretam os dois lados do Reisado: o lado vermelho e o lado azul. No lado azul temos as componentes o Papagaio, a Camponesa, o Balão, o Passarinho, a Cabocla, a Belaninha, a Cigana e no lado vermelho a Borboleta contramestra, Curialá, Rouxinha, o Pé de uva, a Nambu, a Chiquitinha. No lado vermelho e no lado azul Papagaio, Camponesa, Balão, Belaninha, Rochinha, Cabocla e Cigana, também o Boi e o Jaraguá que entram na representação em momentos alternados.

A apresentação do auto é feita não só no período natalino, mas também em qualquer época do ano. Realizado nas ruas na disputa dos dois lados; o ponto culminante da representação é a chegada à Capela Sagrado Coração de Maria. Todos chegam cantando em fila e a Dona do Baile sempre ao meio com o Caboclo carregando a Bandeira. A apresentação do grupo leva em média de três horas para ser apresentado completamente.

A brincadeira segue ao toque dos instrumentos de percussão utilizados por seus brincantes: tocadores de sanfona, violão, cavaquinho, pandeiro, bumbo e cheque-cheque.

O Reisado tem nos seus trajes muita alegria nas cores e adornos. As roupas e chapéus são decorados com fitas, nas cores azul e vermelho. O azul em homenagem a Virgem Maria, representa a pureza e o vermelho, o sangue de Jesus por nós derramado no calvário, esclarece Aglaé Fontes Alencar (2003); e nos pés os componentes usam congas (tênis), porém não utilizam espelhos nem fetiches dourados em torno das roupas.

Todos os trajes utilizados foram confeccionados por Dona Rosa com recursos doados pela Prefeitura Municipal em 1991, e sua manutenção com recursos próprios. O Boi e o Jaraguá, também, são de propriedade de Dona Rosa.

A música está sempre presente. No canto de entrada a Dona do Baile, segurando o estandarte, pede autorização ao dono da casa para entrar em louvor ao nascimento de Jesus e Maria sua mãe cantando:

ô boa noite, senhor dono da casa
 eu vou chegando, com o meu afigurado
 venho de longe, de muito longe
 por esse motivo, é que eu estou chegando agora
 peço licença ao senhor dono da casa
 quero brincar, com muita delicadeza
 quero pular aqui esta noite
 por esse motivo, vou mostrar minha beleza
 (ROSA SANTANA, 2007).

E continua a dança, evocando os personagens que entram para dar rebuliço à apresentação, e nos passos diversos estes adentram a dança, encantando os espectadores. O enredo leva em torno de três horas para ser totalmente apresentado, a morte do boi e sua ressurreição, e a entrada na Igreja finalizam a apresentação. Diz a senhora Rosa:

Hoje, infelizmente, a apresentação do grupo não segue todos os pontos, não conseguimos apresentá-lo totalmente como já fizemos em lugares que nos apresentamos como em Laranjeiras e até quando a equipe da TV Escola veio nos filmar, foi maravilhoso, pena que está acabando. (ROSA SANTANA, 2007).

Canta, ainda:

Venha aqui meu boi de Minas
 Faça lá sua defesa
 Venha cá chegue depressa
 Onde esta a dona Deusa
 Venha aqui meu boi de Minas
 Já estou de vista curta
 Venha cá meu boi de Minas
 Aonde esta o pé de uva
 (ROSA SANTANA, 2007).

6 PÉTALAS DE UMA “ROSA”

Dona Rosa Maria, viúva, mulher da melhor idade nos seus 80 anos de vida, moradora do Povoado Bom Jardim, nasceu em Itabaiana no Povoado Barro Preto, filha de agricultores, numa família de 16 irmãos, estudou um ano em escola particular,

casou-se aos 22 anos e teve 8 filhos. Conheceu o folguedo por meio do seu pai, que a levava para assistir, ainda menina, junto com suas irmãs nos arredores do povoado. Diz Dona Rosa (2007):

Minha infância não foi boa, mas a mocidade; meu pai era muito bravo, muito ciumento. Mas mesmo assim, eu me diverti bem, em casa mesmo, porque ele não deixava eu sair. Levava eu pro reisado, oiar os reisado quem vinha de fora, levava eu e minhas irmãs e minha mãe e aí eu fui veno aquelas música do reisado vendo o povo brincano com as componente do reisado que vinha de fora brinca o reisado cantano.

Adolescente conviveu com o Reisado em sua família, já que este formado em maioria pelas suas primas passou a ser dançado em sua casa e seu irmão que tocava tamborim e gaita dava ritmo ao folguedo. Porém, havia um problema, o ciúme paterno, já que o grupo já bastante solicitado ao se apresentar em outros lugares desperitava a sua preocupação, pois nesse período a prostituição se mistura a outros grupos. Conta Dona Rosa (2007):

Juntava tanta gente, vinha gente até da serra assistir o nosso reisado. E nós brincamo, mas não era divertimento, era assim, normal. Aí depois já queriam, que nós saisse pelo mundo com nosso reisado, pra se apresentar, mas papai não deixou porque pagava multa. Então papai não deixou aí nós terminamo, aí depois paramos de brincar o reisado.

Casou-se aos vinte e dois anos, com muito trabalho na roça e dificuldades enfrentadas, a luta e dedicação aos filhos marcou a vida dessa mulher guerreira. Já viúva, participante do grupo de Idosos da Associação Comunitária do Povoado Bom Jardim, foi o então presidente em 1991 o senhor Antonio Bispo que tomou a iniciativa de formar o grupo no povoado, sugerindo que a mesma o formasse por esta ter conhecimento do reisado. Mesmo sem o apoio dos filhos, que não gostam do reisado, enfrentou o desafio, convocou as idosas do povoado para se apresentar e o caboclo seria o mesmo que se apresentava na sua mocidade no reisado de sua casa.

O grupo formado por idosos começou as apresentações que foram várias, a começar no povoado, na cidade, escolas, encontros culturais, sua beleza lhes rendeu o registro da TV Escola. Ao passar do tempo os componentes foram se afastando e com a morte do caboclo tudo se tornou mais difícil, relata emocionada como tudo aconteceu, com lágrimas nos olhos fala do começo e do início do fim da brincadeira.

Aí depois começaram a sair, saía uma, saía outra, aí eu comecei a chamar as adolescentes para o reisado. Elas queriam mais porque os namorados não deixava. Agora que Chico morreu, ficou sem caboclo, e agora tá tudo parado. (ROSA SANTANA, 2007).

Dona Rosa enfrenta hoje o descaso e preconceito da sociedade em que vive, os jovens começam a participar e abandonam a brincadeira, e dessa forma tudo começa novamente, o ensinamento das partes e cada vez mais a dificuldade da apresentação completa e transmissão para outras gerações da cultura popular desse lugar. Porém declara todo seu sentimento, sua identidade e desejo de continuação e permanência da brincadeira por meio dessas palavras:

O reisado representa a minha vida uma alegria muito boa, eu gostava quando tinha um convite, eu gostava e queria, meu desejo era que todas aprendessem a brincar reisado, aprendesse as músicas do reisado, se tivesse uma que aprendesse ia ser dona do baile. Ao dançar eu sinto a maior alegria do mundo diz a Dona do Baile (ROSA SANTANA, 2007).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que a cultura é tudo que o homem produz e realiza de forma concreta, objetiva ou pensada, para alcançar os seus objetivos ao longo de sua trajetória política e social, na relação com o seu meio e outros grupos, produzindo assim, conhecimento e se capacitando de forma digna e eficiente, para viver em sociedade e construindo a sua própria história de vida.

O presente artigo expõe a contribuição desse grupo para o estudo e a compreensão de aspectos da mentalidade medieval por meio das demonstrações culturais em Itabaiana, proporcionando o conhecimento e registro da luta de uma mulher da melhor idade pela preservação, continuidade e divulgação da cultura folclórica de sua localidade por meio de seu grupo: Reisado de Dona Rosa do Bom Jardim.

Dessa forma, cabe demonstrar a importância do referido grupo, ressaltando os poucos estudos existentes sobre essas manifestações em Itabaiana, salientando que é uma forma de contribuímos para a história cultural do município. Assim, ao estudarmos as dificuldades econômico-sociais e compreendermos a mentalidade medieval lusitana representada no grupo, estaremos preenchendo uma lacuna na historiografia cultural de Itabaiana.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Aglaé Fontes. **Danças e folguedos**: iniciação ao folclore sergipano. Aracaju, [s.n.], 2003.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional**. São Paulo: Melhoramentos, 1967. V.1.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRANDÃO, Théo. **Folguedos natalinos**. Maceió: Publicação do Departamento de Assuntos Culturais em convênio com o Conselho Federal da Cultura, 1973.

CÂMARA, Cascudo. **A chegada**. Dicionário do folclore brasileiro. Disponível em: <www.terrabrasileira.net>. Acesso em: 16 fev. 2007.

DANTAS, Beatriz Góis. **Chegança**. **Cadernos de folclore**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1985.

DÉDA, Carvalho. **Brefáias e burundangas do folclore sergipano**. Aracaju: [s.n.], 1965.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1978.

PASSOS, Perla. Fotografias por ocasião do aniversário da cidade, no dia 28 de agosto de 2007, em apresentação na Praça de Eventos de Itabaiana.

ROSA SANTANA, Maria. **Depoimento concedido no dia 3 de fevereiro**. Povoado Bom Jardim, Itabaiana, 2007.

VOLPATO, Rosane. **O reisado**. Disponível em: <www.rosanevolpato.trd.br>. Acesso em: 16 fev. 2007.

Data do recebimento: 16 de Janeiro de 2015

Data da avaliação: 19 de Janeiro de 2015

Data de aceite: 19 de Janeiro de 2015

1 Graduado em História pela Universidade Tiradentes. E-mail: cajiabasergipe@yahoo.com.br

2 Graduada em História pela Universidade Tiradentes. E-mail: cajiabasergipe@yahoo.com.br

3 Graduada em História pela Universidade Tiradentes. E-mail: cajiabasergipe@yahoo.com.br

4 Graduada em História pela Universidade Tiradentes. E-mail: cajiabasergipe@yahoo.com.br

5 Professor da Universidade Tiradentes (2005-2008). Membro do Colegiado do Curso de História da UNIT EaD entre 2005 e 2008. E-mail: magnohistoria@gmail.com